

O gato subiu no telhado

Só algo surpreendente e inesperado que esteja acontecendo dentro do caldeirão onde fervem os sentimentos do eleitor poderia explicar a entrada forte, impetuosa e tão cedo do presidente Fernando Henrique na campanha eleitoral. Os seus gestos recentes, como a entrevista coletiva nos jardins do Palácio da Alvorada e inaugurações paroquiais até debaixo de chuva nos cafundós do país, com discursos fortes de ataque à oposição, quebram a linha difundida há poucos meses de que o presidente, por estar tão bem cotado no eleitorado, ficaria estacionado em Brasília, tranqüilo, sereno, esperando uma reeleição por gravidade. Não precisaria ir aos estados. Primeiro, porque a campanha se faria mais pela televisão. Segundo, porque essa seria uma maneira habilidosa de contornar a hipotética multiplicidade de palanques de uma frente que, por enquanto, e a preço muito alto, tem-se mostrado mais parlamentar do que eleitoral. E, terceiro, porque presidente é presidente, não é um candidato como qualquer outro.

Engano. O gato subiu no telhado. De uma hora para outra, por necessidade de sobrevivência, Fernando Henrique tornou-se um candidato comum. Há algum tempo, era tão certa a sua vitória que por falta de adversários se previa uma eleição de candidato único, monótona, sem graça. Duvidou-se, em seguida, de que teria consagração imediata, definitiva, no primeiro turno da eleição. Agora, embora ainda se diga que Fernando Henrique é o candidato mais preparado, já se vê um pouco mais de lenha na fogueira da candidatura de Lula.

Não há dúvidas de que o presidente está pagando agora o preço de todos os desgastes que deixou de ter nesses três ou quatro anos de convivência amistosa com um eleitorado que jamais havia tido a chance de incorporar ao seu dia-a-dia as vantagens de uma moeda estável. Não há estabilização sem vítimas. E eleição é hora de prestação de contas.

Se se somam essas insatisfações com as declarações desastradas recentes do presidente, o desgaste é inevitável. Talvez ele ainda não tenha percebido a exata dimensão do estrago causado à sua candidatura pela frase em que chamou de vagabundos os que se aposentam cedo demais. Os aposentados passaram a ter ódio do presidente.

Também não se pode duvidar de que, durante a campanha eleitoral pela televisão, o presidente terá a chance de reconquistar o seu prestígio. Este não é um presidente de grandes obras. É um presidente de grandes causas. E é muito convincente ao defendê-las.

A maior vantagem deste cenário é a de quebrar qualquer hipótese de arrogância do presidente. Fernando Henrique, em si, e pela própria formação acadêmica, não é arrogante. Ouve, discute, cede. Mas o ambiente criado por unanimidades é perigoso até para monges beneditinos.

A segunda vantagem: o presidente será inevitavelmente forçado, daqui a pouco, a discutir não idéias vagas ou apenas causas sedutoras, mas questões concretas, objetivas, bem específicas do plano de estabilização que o seu governo vem executando. É possível que, num primeiro turno, por causa do maior número de candidatos e de emoções à flor da pele, se passe distante dessa objetividade.

Mas, se houver segundo turno, não se pode deixar de aprofundar o exame dos próximos passos do governo, por mais que os economistas por trás dos candidatos o levem a mentir descaradamente nessa época. Como o presidente vai enfrentar a questão do déficit público? Vai aumentar ou criar impostos? Vai cortar o quê, e onde? Que arrocho teremos em 1999?

É aí que surge, mais do que em qualquer outro momento, o grande desafio desta eleição: o adversário tem que estar preparado para encarar um debate com Fernando Henrique.